

**II SEMINÁRIO ESTADUAL  
“A QUESTÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS NA EDUCAÇÃO”  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ**

Comunicação para inscrição nas Experiências Pedagógicas Anti-Racistas

**TEMA: PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES  
Projeto de Educação Alternativo ou Excludente? \***

*“Eu tenho até me esforçado, a nível de análise. A nível de reflexão, a nível de indagação, para ver se encontro, por exemplo, no educativo, algo que seja tão especificamente educativo que não tenha nada a ver com o político, só que nunca achei”.* Paulo Freire

Na dedicatória da Monografia Pg. 02 utilizei uma crônica de *Carlos Alberto Medeiros* (Revista BLACK PEOPLE, Ano I Nº 06 Nov./96) chamada *Quem somos nós*, a qual no remete *“a primeira centelha da inteligência humana. Nós somos a natureza e a civilização. Somos Propriamente o sal da terra. Nós somos os protagonistas de um dos maiores dramas da História. Nós somos a covardia e a resistência. Somos a beleza auto-negada que um dia ainda vai se descobrir. Nós somos todas as contradições. Somos os que crescem infiltrando-se pelas brechas”*.

Esta monografia é antes de tudo um isto de experiência própria, ou seja uma *práxis educativa* que segundo Paulo Freire, é a prática que está sendo revista, avaliada questionada por muitos. Mesmo assim a busca de uma resposta à questão das diferentes formas de preconceitos e racismo que serão expostas, só têm razão de ser pelo fato de que acreditamos, piamente, na luta por uma democracia racial e social no Brasil, calcada nos princípios da liberdade, de expressão cultural; de valores diferenciados (mas não antagônicos); de resgate da cidadania, de crença no potencial humano, de saber que somos diferentes sim, mas não menos ou mais capazes que qualquer raça ou etnia.

A crônica de Carlos Alberto Medeiros, nos remete à ancestralidade, à resistência, à luta, a perdas, e vitórias, à autonegação, ao flagelo, ao mercenário, e à falta de ética,; mas contraditoriamente, também à revolta e a pertença.

A força interior e a condição biológica idêntica a qualquer nação étnica, com exceção da melalina, mostram anos a centelha de inteligência e a capacidade e valorização dos mais variados tipos de expressão cultural, artística, religiosa, social, estética, que nos levarão a *saber quem somos nós, se diferentes ou diferenciados*.

### Introdução

A sociedade brasileira vivência sua incursão, indiscriminadamente, na era da globalização, onde as altas tecnologias, o avanço da informática, medicina, indústria, ciência, sistema político, abertura do mercado econômico (*era Collor*) o fim da reserva de mercado

---

\* José Carlos Rodrigues Esteves (ZECA) - Pedagogo (AFE-UNIGRANRIO)  
- Graduado em Raça, Etnias e Educação no Brasil no Deptº de Educação da UFF (Universidade Federal Fluminense)  
- Coordenador do PVNC Núcleo AFE-UNIGRANRIO  
- Conselheiro do PVNC  
- Tesoureiro da Secretaria Geral do PVNC (2º Sem.97).

da informática e etc.; não são bem vistas por muitos. Sobretudo quando está globalização simplifica as questões culturais, educacionais e étnicas, que fazem parte do que *Gramsci* denomina de **senso comum**, anulando-as em nome de um hipotético serviço à humanidade.

É importante refletir antes que este tentáculo da *ideologia*<sup>1</sup> neoliberal passe a ser a tônica em todos os setores do cotidiano.

Uma das características desse processo irreversível é o discurso usado a favor de uma falsa modernidade, que coloca a coisa pública como obsoleta, onerosa e ineficiente (*Siqueira, 1995*), onde o ensino público vem sendo gradativamente desmoralizado “graças às políticas de abandono e descaso com a educação”. Segundo *Brandão* (1991) está crítica que tem sido feita por cientistas e educadores que, sem deixarem de reconhecer com *Durkheim* que a educação existe na sociedade, dentro da cultura, procuram compreender *como* ela existe aí e sob que condições é praticada *contra o homem ou a seu favor*. Está degradação traz em seu bojo uma imensa crise econômica e social acompanhada de uma vertiginosa exclusão social, sobretudo nos ombros dos mais pobres e negros (*Campanha da fraternidade - CNBB 1991*), estes últimos, excluídos duplamente, pois além da discriminação social sofrem a mais cruel de todas, ou seja a racial.

Para que este quadro de exclusão fosse construído, foram tecidas várias teorias e políticas excludentes, oriundas da Europa sobretudo, e copiadas das décadas de 20/30, a exemplo de *Nina Rodrigues* (mestiçagem), *Oliveira Viana* (no livro “Populações Meridionais”, defende a idéia de que processo de branqueamento vai nos levar para o “Mar Egeu”), *Euclides da Cunha*<sup>2</sup>, já Gilberto Freire (miscigenação) e outros tantos.

A questão racial no Brasil tem todo um histórico ligado às teorias biologizantes de Darwin (*Munanga, 1995*), centradas também na política de Teodor Adorno e Lombroso<sup>3</sup> (*Schwarcz, 1993*) e como se não bastasse, reforçadas pela “Teoria do Fracasso Cultural” de (*Patto, 1995*).

Com sutilezas, o modelo educacional brasileiro, sobre o povo negro, é caracterizado por sistemáticos atentados à dignidade humana<sup>4</sup>. Citando a problemática da escola, as estatísticas comprovam a manifesta desigualdade de oportunidades no que diz respeito ao acesso e permanência de negros e brancos pobres no sistema educacional, com destaque para a escola pública. (*Ibid.*; p. 13).

Segundo o censo nacional (1990), 18% da população brasileira é *analfabeta* (sem nunca ter ingressado na escola formal), sendo que entre os negros este percentual sobe para 30%. (*Ibid.*).

<sup>1</sup> - CHAUI, Marilena - No sentido de ser o instrumento encarregado de ocultar as divisões sociais, a ideologia deve transformar as idéias particulares da classe dominante em idéias universais, válidas igualmente para toda a sociedade. *Coleção Primeiros Passos, O que é Ideologia?* São Paulo: pp. ½ e 3 - 1980.

<sup>2</sup> - O livro o *Sertões* de Euclides da Cunha, é dividido em três partes, e isso não é aleatório, não é uma coincidência dos Céus, - A terra, O homem e a luta -. A terra é um exercício de determinismo geográfico. A segunda parte, o homem, é um exercício de determinismo racial.

<sup>3</sup> - “O homem assassino” O livro de Lombroso, discorre sobre a Frenologia e Cranometria, começa a desenvolver a disciplina que se chama Antropologia Criminal ou seja, se era possível descobrir a genealidade ou o atraso, a Antropologia Criminal propunha-se a descobrir a criminalidade antes que ela acontecesse.

<sup>4</sup> - Por uma política nacional de combate ao racismo e á desigualdade racial: **MARCHA ZUMBI DOS PALMARES CONTRA O RACISMO, PELA CIDADANIA E A VIDA** - Cultura Gráfica e Editora Ltda.; pp. 11 à 15 - Brasília: 1996.